

AGUALUSA E O ELEMENTO DO ESTRANHO EM SEU
RETRATO DO SUJEITO DO PÓS-COLONIALISMO EM
ANGOLA

AGUALUSA AND THE ELEMENT OF THE UNCUNNY IN HIS
PORTRAIT OF THE SUBJECT OF THE POSTCOLONIALISM
IN ANGOLA

Anderson Luiz Viana*

Resumo

Este trabalho pretende analisar a problemática questão da construção da identidade do sujeito pós-colonial no continente africano através do veículo literário. Pretende-se usar o conceito freudiano de “estranho” (*unheimlich*) como sugestão de viés condutor na análise. Elegeu-se Angola como cenário no qual a literatura registrou a conflituosa transição do sujeito do período colonial para o pós-colonial. Selecionaram-se alguns contos do livro **Fronteiras Perdidas** de José Eduardo Agualusa para tentar discutir a falência da utopia colonial e a dificuldade em se definir a identidade de um povo na fronteira do pós-colonialismo.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; Sujeito; Estranho; Identidade; Angola.

* Mestrando em literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

Quando se decide voltar a atenção para a questão da construção das identidades culturais na contemporaneidade, dificilmente se escapa da problemática da configuração identitária do sujeito que se situa em um tempo e em um espaço marcado pela descolonização tardia. No século XX, países da África ainda se encontravam sob a égide de nações ocidentais, mormente europeias. Vitimado por grandes equívocos no trato, nos conceitos e no referencial quanto ao que seria África e quem ou como seriam as gentes africanas; o continente, durante séculos, foi visto como um bloco único composto de gente bárbara, designada de forma simplista como “africano” ou “negro”, signos identitários que na contemporaneidade são reconhecidamente insuficientes para dar conta da diversidade étnica, cultural e racial dos povos e nações africanas.

Concomitante à movimentação pró-independência surgida na segunda metade do século XX, em países como Angola, por exemplo, uma grande utopia libertária passou a ser o mote para a construção das identidades dos povos de África. Identidades que não fossem conferidas pelo olhar eurocêntrico, mas pelos próprios detentores das culturas e sujeitos do *modus vivendi* do continente. O que se percebeu, contudo, foi que após a descolonização, uma nova crise identitária se configurou. Após décadas sob o jugo colonial, o próprio sujeito precisaria reconhecer e legitimar a si próprio. Alijado por tanto tempo da liberdade e dignidade essenciais à construção identitária autônoma, o sujeito localizado na transição do regime colonial para o *status* de independente se veria em ferrenha luta com seus iguais, e sob a influência de novos impérios econômicos como instrumentos no joguete político internacional, em um mundo polarizado entre as forças capitalistas e socialistas.

A proposta deste trabalho é sugerir, através do discurso literário de José Eduardo Agualusa, uma reflexão sobre a dificuldade em se forjar uma identidade cultural em um período limítrofe do pós-colonialismo. A descolonização será considerada como um processo em andamento, no qual a noção de familiaridade será constantemente questionada e problematizada. Utilizar-se-á a literatura como local de catalogação dos episódios e posturas do sujeito em busca do conforto tanto de se encontrar e se sentir em “casa” em África – Angola, sobretudo – ao passo que se confronta com elementos alheios e estranhos à concepção natural de “lar” provocando e incomodando sua própria noção confortável de identidade.

Elegeu-se como veículo para essas reflexões a literatura angolana contemporânea, representada por José Eduardo Agualusa e os estudos de Freud sobre o estranho (*unheimlich*). Alguns contos de José Eduardo Agualusa foram escolhidos como bojo de análise: “Os pretos não sabem comer lagosta”, “Não há mais lugar de origem” e “A pobre menina negra que era um branco rico” pareceram suficientes, em função da proposta desse trabalho e das limitações de tempo e espaço.

É mister que se registre que a intenção deste trabalho não é chegar a uma conclusão definitiva quanto aos tópicos levantados, mas propor uma consideração aberta deles. Haverá espaço e tempo em um momento futuro para uma análise mais aprofundada e para o desenvolvimento de questões e propostas teóricas aqui apenas introduzidas ou em sugestão. Para o momento cabem as considerações que seguirão.

1 A ESTRANHEZA DO SUJEITO ANGOLANO NA FRONTEIRA PÓS-COLONIAL

1.1 O momento pós-colonial de Angola – um breve histórico

11 de novembro de 1975 o MPLA, sob a direção de Agostinho Neto, depois de 14 anos de luta, proclamou a independência, reconhecida pelo governo português. A primeira guerra de independência estava terminada. Mas a continuidade das divisões internas não demorou em transformar-se em uma segunda guerra civil, disputada entre MPLA e Unita (...) (HERNANDEZ, 2005, p. 582)

Apesar de o ideal de independência nacional ter se concretizado em fins de 1975, não ocorreu nessa ocasião a tão aguardada instituição de uma identidade nacional unificada, baseada nos valores iluministas libertários e igualitários. A princípio, a independência angolana parece não ter produzido uma liberdade e uma emancipação dos grupos sociais organizados internamente no país. A maneira colonial de se portar nos diversos quadros sociais em Angola sugere que as fronteiras internas do país, se não se multiplicaram, vieram ao menos à tona, tendo sido, durante seus anos de colônia, camuflados pela utopia da independência, bem como pela luta conjunta em prol da descolonização.

Na aurora da independência nacional, a sociedade angolana se viu claudicando sem as bengalas de sua condição subjugada. Como se comportar com a novidade da liberdade nacional?

Primeiramente, há que se reconhecer que o momento da independência se deu por veículos antagônicos com os Estados Unidos e África do Sul “enviando tropas de apoio à Unita, enquanto a URSS, a China e, sobretudo, Cuba deram apoio logístico e humano ao MPLA.” (HERNANDEZ, 2005, p. 582). Interesses políticos e econômicos díspares reconfiguraram a cartografia social de Angola, gerando um painel outro que não a reabilitação da identidade nacional única por meio da liberdade e da igualdade. A guerra fria lubrificou as engrenagens bélicas outrora mantidas pelo ideal anticolonialista. Dividida ideologicamente, Angola se vê então remapeada por fronteiras que implicavam um novo panorama de identidades.

Pepetela, em **A Geração da Utopia** (1993), denuncia o fim da utopia nacional pré-independência e da vacuidade do discurso baseado nela após 1975:

[...] Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia [...] éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos Cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 1993, p. 202)

Dentre os resultados da falência do projeto angolano, logo na fronteira entre o colonialismo e o momento pós-colonial estava a crise identitária do sujeito, citada por Stuart Hall: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.” (HALL, 2005, p. 7). De fato, prossegue Hall, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.” (HALL, 2005, p. 12).

1.2 África já não é um “lar familiar” (*unheimlich*)

Em seu livro intitulado **Fronteiras Perdidas**, o escritor angolano José Eduardo Agualusa elenca uma série de relatos de lugares e entre-lugares em que a crise dos sujeitos pós-coloniais é percebida, provocando no sujeito dos relatos o que Freud articulou como “o estranho” como “categoria do assustador que remete ao que

é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1976, p. 238). Seleccionaram-se alguns desses contos que melhor caberiam à presente reflexão.

Logo no conto “Os pretos não sabem comer lagosta”, Agualusa nos apresenta uma Angola rearticulada através de fronteiras sociais, que, de acordo com a utopia colonial, deveriam ter deixado de existir. O sentimento de familiaridade (*heimlich*) e da tranquilidade produzida pelo ambiente supostamente doméstico – “o lar” – é arranhado e distorcido por impressões, mais que certezas, de que algo no quadro está suspenso, fora do lugar. O que era familiar passa a ser, ao mesmo tempo, suspeito.

No conto em questão, tem-se a visita de um negro americano, Jimmy, em Angola, a qual, na mente do visitante, servia como símbolo da idealizada “Mãe África”. Isso pode ser visualizado em trechos como “Finalmente estou em casa” (AGUALUSA, 2002, p. 88), ou “era a primeira vez que se encontrava em África e sentia-se emocionado”. (AGUALUSA, 2002, p.87). Considerando-se tetraneto da rainha Ginga, alimentava o sonho de conhecer seu berço étnico, “sua casa”. Neste ponto destaca-se uma das possíveis traduções do termo usado por Freud: “Também *heimelich, heimelig*, pertencente à casa, não estranho, familiar, doméstico, íntimo, amistoso etc.” (FREUD, 1976, p. 240)

A idealização de um passado alimentado pela seleção de eventos e personagens da História mitificada pré-colonial remota era, porém, ineficaz. Identificar-se com o mito de uma sociedade livre só se daria agora na mente do estrangeiro (do antepositivo latino: *extránèus,a,um* 'que é de fora; não pertencente a uma família; estrangeiro' [...] por via popular: *estranhar, estranhável, estranho, estranhez, estranheza, estranho, estranhudo*) (HOUAISS, 2007) ou estranho (“GREGO: (Léxicos de Rost e de Schenkl). *εξωγενής* (isto é, estranho, estrangeiro).” (FREUD, 1976, p. 238)

A África utópica é colocada em um polo dicotômico, tendo no outro extremo a corrompida sociedade pragmática e segregatista na qual Jimmy estaria inserido. Quando se lhe é perguntado se nos Estados Unidos, o lugar onde morava, ainda existe racismo,

Jimmy ficou sério. Estava em África, estava em casa, estava entre os seus. Podia desabafar. Sim, nos Estados Unidos, os Brancos continuavam a oprimir os Negros. Tinham lutado muito [...] mas os Negros ainda não eram inteiramente livres. (AGUALUSA, 2002, p. 88)

O desconhecimento da nova segregação intrarracial em Angola alimentava no negro americano o ideal utópico. “A América, para os Negros, era um país emprestado. Ali, em Angola, pelo contrário, ele, Jimmy Waters, sentia-se um homem livre.” (AGUALUSA, 2002, p. 88). O sujeito do conto de Agualusa trazia já inserida em sua mente a impressão de estraneidade no campo do nacional. Se a América, para os negros, era um país emprestado, o negro seria sempre um estrangeiro em seu próprio lar. Por conseguinte, esse lar não era genuíno, o era por empréstimo. A sensação de não pertencimento ainda estava por se resolver. Essa busca pelo *heimlich*, pelo conforto, pela tranquilidade de pertencer e identificar-se com o lugar desse pertencimento, por sua vez provar-se ia um desejo utópico mais tarde.

Stuart Hall traduz o que as palavras de Jimmy registram em um discurso da utopia tardia. Em busca das raízes de sua identidade acreditada, o negro americano, antes de se saber americano, sabe-se por identificação “negro”, portanto, filho da África. O filósofo conservador Roger Scruton, citado por Hall, argumenta que:

A condição do homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar.¹ (HALL, 2005, p.48)

“Lar” (*heimlich*) era a África, seu lugar de origem ancestral, conhecida por ele possivelmente através do discurso mediador e arbitrário da História oficial. O alheamento do sistema cultural real vigente em África pós-colonial endossava a perspectiva platônica de que a liberdade haveria de ser a palavra da nova ordem, em um país do continente no qual os negros seriam a maioria. Nos braços da raça hoje, não haveria mais as amarras hegemônicas da segregação racial. Ao identificar-se com a utópica nação, o personagem, “através de processos inconscientes”, adota como concreto algo “‘imaginário’ ou fantasiado sobre [sua] unidade [isto é, de sua nação.]” (HALL, 2005, p.38).

Denunciando o pragmatismo social vigente, no entanto, Café, o anfitrião burguês de Jimmy, redargui acidamente as colocações fantasiosas do jovem: “Isso parece conversa de político [...] alguém deveria explicar a este cidadão que nós queremos simplesmente o dinheiro dele.” (AGUALUSA, 2002, p. 88). Reproduzindo

¹ SCRUTON, R. “Authority and allegiance”. In. Donald, J. and Hall, S. (orgs.). **Politics and Ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986, p. 156)

um discurso de desconstrução da utopia colonial, que pressupunha o indivíduo angolano na pós-independência a usufruir sua comunidade étnica sem os limites da fronteira do poder ou da cor, *Café*, ao fim da segunda parte do conto, denuncia a falência do projeto nacional. Ao perceber a esposa separando algumas lagostas para “o guarda [já que] o desgraçado ainda não jantou”, desfere a frase titular do conto: “– Isso é que era bom! Os pretos não sabem comer lagosta!” (AGUALUSA, 2002, p. 91).

Começa a se instaurar a partir desse ponto no discurso do narrador de Agualusa o elemento plurivocal do termo estranho. África estava por se reconfigurar de *heimlich* para *unheimlich*. Da boca de um “*heimisch*: nativo” (FREUD, 1976, p. 239), um africano autóctone, cujo cognome (“Café”) denunciava seu fenótipo: negro, “preto” vêm impregnado de estranheza, uma vez que carrega ainda a carga semântica discriminatória de classes, só que, desta feita, dentro do próprio grupo étnico a que pertence. Já não se trata mais do colonizador branco segregando o colonizado negro, mas de um negro elitizado segregando seu igual que pertence a um grupo social de papel hierarquicamente inferior.

A burguesia angolana pós-colonial reproduz então o discurso colonial, no qual a necessidade da reafirmação de poder traduz-se em humilhar e subjugar o sujeito de menor poder social de voz. Conservando a mentalidade da antiga ordem colonial, a idealizada identidade nacional é posta em xeque e denuncia a falência da utopia colonial que, reprisando Pepetela, “hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio”. (PEPETELA, 1993, p. 202).

Jimmy não compartilha do riso geral após a frase do anfitrião, “tinha regressado à África, estava na terra de sua avó, a rainha Ginga, e aquela não era a sua casa.” (AGUALUSA, 2002, p. 91) Segundo as considerações de Freud sobre a palavra alemã, *unheimlich* : “aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque *não* é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, [...] algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho.” (FREUD, 1976, p. 239) O estranhamento do rapaz e seu desencanto com o comportamento anticolonial de seu irmão étnico advém da improbabilidade inicial de encontrar um elemento em seu “lar” algo inesperado, um elemento que destoa de suas expectativas, um comportamento suspeito que abala as bases de suas certezas e lhe soa , pelo menos *a priori*, intelectualmente incômodo. No trabalho de Freud, este nos apresenta um conceito inicial de “Jentsch [que] atribui o fator essencial na

origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual; de maneira que o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar.” (FREUD, 1976, p.238). Muito embora o conceito carecesse, segundo Freud, de dados mais contundentes para se completar, o deslocamento das impressões paradigmáticas que levariam ao conforto da familiaridade são ainda elemento constituintes da estranheza.

A constatação do elemento estranho e insólito para sua mente, concorre por deixar Jimmy apreensivo, “Todos riem. Menos Jimmy Walters” (AGUALUSA, 2002, p.91) e revela o impacto da exportação da utopia Angolana para outro continente, uma vez que, com um oceano de distância da realidade, o mito da “Mãe África” e seus filhos ainda livres poderia se alimentar sem obstáculos maiores. A desarmônica nova ordem pós-colonial, por sua vez, em que o fratricídio social e literal tornava infactível o desgastado projeto nacional, apontava para a discrepância entre a idealização forjada e a realidade. O que era para ser seu histórico “lar” (*heimlich*), “não era a sua casa” (*unheimlich*).

O sujeito pós-colonial aqui possui múltiplas identidades independentes e conflitantes, em substituição à idealizada identidade nacional unária. Em uma sociedade assim composta, as diferenças separatistas sublinham a ruptura da fronteira entre colonizador e colonizado, mas reafirmam a fronteira de classes, interesses e ideologias entre os seus cidadãos. O falecimento da utopia colonial, portanto, dentre seus embriões, produziu, no momento limítrofe de transição do sistema nacional, um sujeito de caráter díspar. Resultaram pseudo-nações dentro da pátria na qual a hierarquia opressora prosseguiu seu discurso hegemônico, reproduzindo o modelo introjetado por séculos de dominação e mau uso de poder. A mera localização dentro das fronteiras geográficas não assegurou à sociedade pós-colonial angolana o estatuto de unidade nacional harmônica, tampouco a predominância de traços comuns à identidade forjada na utopia. Sob esse prisma, o(s) sujeito(s) do período colonial estaria(m) em crise e estranhamentos até que as questões fulcrais que concorreram para a produção da utopia fossem revistas e exaustivamente trabalhadas.

A certa altura de “Os pretos não sabem comer lagosta”, outro aspecto estranho no campo do identitário é problematizado e posto à luz, servindo de ponte para o diálogo com outros contos do mesmo livro.

José Bento apareceu à porta segurando na mão direita um enorme ramo de rosas. [...] Jimmy olhou para ele com desconfiança. O que fazia um branco naquela casa? [...] O José Bento é branco, mas é um branco da terra, é angolano. (AGUALUSA, 2002, p.89)

A surpresa do americano em encontrar um “branco” naquela “casa”, que, por extensão, representava sua casa/mãe – África – mais uma vez reforça o que se pretende defender neste trabalho, o elemento estranho dentro do familiar provocando a crise identitária do sujeito na fronteira do pós-colonial: “o que fazia um branco naquela casa?” Sua “casa” possuía, por assim dizer, elementos que faziam parte dela (“Também *heimlich*, *heimelig*, pertencente à casa, não estranho” (FREUD,1976, p. 240), mas que de modo ambivalente não fazia parte harmoniosa dela (*unheimlich*). “Dessa forma, *heimlich* é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, *unheimlich*. *Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich*.” (FREUD,1976, p. 244)

A presença de um “branco” em sua “casa” no papel social que caberia a um irmão – um igual – sobressaltou o espírito do sujeito como quem visse seu duplo problematizado. No texto de Freud, ao analisar um conto de Hoffman, elabora-se outra questão pertinente à estranheza: a presença do duplo. Sobre isso, Freud analisa:

Quando tudo está dito e feito, a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o “duplo” ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o “duplo” tinha um aspecto mais amistoso. (FREUD, 1976 p. 253).

Há neste conto de Agualusa, porém, uma problematização deste duplo: Ambos, Jimmy e “o branco”, são de certa forma igualmente estranhos naquela “casa” – pertencem e não pertencem àquele “lar” e olhando-se mutuamente, numa relação especular, são também estranhos entre si. Não se reconhecem. Daí a sensação *unheimlich*. Na análise da questão pós-colonial a relevância da presença deste estranho “branco” reforça o choque entre a concepção do outro do que viriam a ser os africanos autóctones, segundo Leila Hernandez, “identificados com designações apresentadas como inerentes às caracterizações fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo *africano* ganha um significado preciso: negro.” (HERNANDEZ, 2005, p.18) O desconhecimento da diversidade racial

presente em África, tendo aqui Angola como epítome, ressalta a problemática da identidade idealizada pelo outro contradita, por sua vez, pela(s) identidade(s) de fato.

2 ALGUNS DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO DA IDENTIDADE PÓS-COLONIAL – UM ENFOQUE LITERÁRIO

Em “Não há mais lugar de origem”, conto ambientado em Frankfurt, Alemanha, berço do conhecido etnocentrismo ariano, o narrador assume a voz do sujeito em “tradução”, segundo Hall (HALL, 2005, p. 89). Esse sujeito em trânsito relata seu sonho, no qual a fluidez polimorfa ressalta o caráter volátil e movediço da identidade utópica do sujeito na fronteira do pós-colonial. Mais uma vez a presença do “estranho” reforça a questão problemática da identidade do sujeito nos contos do escritor. “Ao meu lado um homem mudava de raça, como um camaleão, consoante na carruagem estivessem brancos, negros, chineses ou indianos.” (AGUALUSA, 2002, p. 62). O despertencimento das identidades assimiladas pelo homem do sonho do narrador, esse em um claro entre-lugar, “num comboio com destino a Berlim” (AGUALUSA, 2002, p. 62) é típico do fenômeno global no qual

[as] identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais. [...] (HALL, 2003, p. 44-45).

O palimpsesto cromático presente na transmutação do personagem branco, que “naquele sonho [...] era preto [...] parecia-se com Fernando pessoa”, outro branco (AGUALUSA, 2002, p. 62-63), exemplifica a mudança de composição das migrações e a pluralização das identidades no mundo globalizado, portanto pós-colonial. Como a letra da canção das também migradas brasileiras, desconhecidas em seu “lugar de origem”, radicadas ou reenraizadas em Frankfurt: “*Não há mais lugar de origem/ a origem é existir/ não me diga de onde eu sou/ eu sou, não sou/ eu estou aqui.*” (AGUALUSA, 2002, p. 61).

O conceito de pertencimento é revisto e relativizado. O sujeito “está aqui”, contudo a “origem” é o existir apenas. A temporariedade local desarticula tradições e

provoca um desvio da identidade cultural primariamente concebida como própria. Segundo Hall,

o que esse “desvio através de [...] passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. [...] Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44).

Essa proposição é ainda trabalhada em “A pobre menina negra que era um branco rico”, ambientado na África do Sul. Um sujeito transculturalizado, B.B., um artista plástico, branco, rico de origem inglesa, representante típico do europeu colonizador, transveste-se do par opositivo ícone do colonizado pária em sua manifestação mais acentuada: uma mulher, pobre, negra, empregada doméstica e quase analfabeta. Entretanto, B.B. se vê desmascarado e execrado pelos “críticos sul-africanos [que estariam praticando] um racismo invertido”. (AGUALUSA, 2002, p. 37-38).

No painel pintado nesse conto, Agualusa dá voz a um narrador também em primeira pessoa que apresenta uma outra face do sujeito pós-colonial burguês: artista, esclarecido, culto, irreverente e atento observador. Ao assumir uma identidade plural e díspar, o narrador se recolocou na sociedade na pele de outro sujeito (um outro *self* – segundo os estudos freudianos). No lugar de execrar explicitamente a figura do negro, utilizou-se dela, assumindo a troca de gênero, raça, posição social, cor da pele. A irradiação prismática de várias identidades e a multiplicidade estranha de *selves* enfatiza o efeito de estranhamento no relato. A propósito dos estudos identitários, sobre esse procedimento cabe a proposta de Stuart Hall, que afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural [estaria] transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classes, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 9)

Burguês rico, “B.B. vivia numa vivenda majestosa esplendorosamente branca, na encosta da montanha da Mesa. A sala de visitas comunicava com o jardim, [...] os três galgos do artista, num silêncio imóvel, pareciam fascinados [...] pelo fragor do poente.” (AGUALUSA, 2002, p.38). Não se fala de uma fronteira separatista literal,

ao contrário, em um restaurante indiano, com nome inglês (Sea Point), na Cidade do Cabo, cinco países africanos são representados – Angola, África do Sul, Zimbábue, Namíbia e Quênia – e, “no entanto não havia ali nenhum negro” (AGUALUSA, 2002, p.39). Denunciando a falência da imagem da África como “Mãe” ou “lar” estereotipada que o americano Jimmy de “Os pretos não sabem comer lagosta” nutria em sua utopia cultural, essa “África já não é o que era – lamentou B.B. – vivemos tempos estranhos (*unheimlich*)” (AGUALUSA, 2002, p.39).

O estranhamento secular do que Hall chamou de “modernidade tardia” (HALL, 2005, p.17) decorre da impossibilidade de se representar as identidades nacionais como unificadas. “É ainda mais difícil”, prossegue Hall, “unificar a identidade nacional em torno da raça” (HALL, 2005, p. 62). Sobre o sujeito dessa “sociedade da modernidade tardia”, Hall cita Ernest Laclau (1990) que argumenta que elas “são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos.” (HALL, 2005, p. 17). O conceito de “deslocamento” de Ernest Laclau, arrolado por Hall, prevê que a

estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado [e] que por sua vez [esse] deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele [Laclau] chama de “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação.” (HALL, 2005, p.18).

Tanto o homem do sonho do narrador de “Não há mais lugar de origem” quanto B.B. de “A pobre menina negra que era um branco rico” estariam “jogando o jogo das identidades”, seguindo a proposta de Hall (HALL, 2005, p.19). Um, pelo processo onírico de adaptação e camuflagem (aí adapta-se um dos sentidos elencados por Freud do elemento do estranho já que camuflar, segundo o dicionário **Houaiss**, é “esconder(-se) ou disfarçar(-se)”, portanto manter a verdadeira identidade oculta à vista de outros: “*unheimlich* [...] Escondido, oculto da vista, de modo que os outros não consigam saber, sonegado aos outros” (FREUD,1976 p.241); outro, pela conveniência e interesses, em um discurso etnocêntrico veicular de ideologias ou posturas políticas em um jogo consciente de hibridismo cultural. Sobre esse “jogo de identidades”, conclui Hall:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser

ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2005, p.21)

O sujeito na fronteira do pós-colonial concomitante à “modernidade tardia” é um sujeito em busca de identidades. Camaleonicamente transveste-se de várias delas mantendo oculta (*unheimlich*) a supostamente verdadeira, à medida que se desloca no espaço sempre outro do entre-lugar de seu tempo. Coexistir na fronteira angustiante dos momentos ou regiões culturais o impede de se definir além das mudanças. Raquel, personagem de “Não há mais lugar de origem”, tem seu nome (que, como uma de suas raízes etimológicas seria uma planta com flores vermelhas e sementes pretas nativa da África do Sul – **Houaiss**, 2007) cognominado “Fronteiras Perdidas”, significativa simbologia do sujeito pós-colonial, “porque em certos dias eu parecia mulata; e noutros, acordava com cara de branca. Acho que essa alcunha marcou o meu destino”, conclui a fala da personagem. (AGUALUSA, 2002, p. 63).

Personagem inquietante, Raquel tem seus elementos fantásticos, transmutacionais, estranhos, que seduz e estupefica o narrador. Ela não pertence ao lugar comum. É um elemento estranho à normalidade das coisas e da ordem estabelecida, do que o conhecimento senso comum afere como possível.

Da ideia de “familiar”, desenvolve-se outra ideia de algo afastado dos olhos de estranhos, algo escondido, secreto; e essa ideia expande-se de muitos modos...[...] [o que é] afastado do conhecimento, inconsciente... Heimlich tem também o significado daquilo que é obscuro, inacessível ao conhecimento...(FREUD, 1976, p.243-244)

Raquel mostra ao narrador “alguns discos de música angolana, velhos discos de vinil, do princípio dos anos 70” (AGUALUSA, 2002, p. 63) e dançava um merengue, nas manhãs de domingo, no entrecortar de choros na cozinha. Longe do seu lugar de origem, traduzida para outro lugar, outro continente, apartada de sua casa e da utopia pré-independência. A condição desse sujeito deslocado, desenraizado e desterritorializado é assim metaforizada.

O grito utópico do sujeito colonial, passada a euforia e após a descolonização, dá lugar à melancólica estreiteza do entre-lugar. É preciso redefinir os contornos de uma outra identidade. Contudo, como forjá-la sem estranhamentos, se não há causas? Se a utopia falir e o contínuo trânsito, bem como a cíclica movimentação de apartamento, globalização e reaglutinação afiguram-se no momento

contemporâneo não promissor de definições? Se a identidade opera em crise na fronteira do pertencimento e da diáspora, será possível configurar o perfil do sujeito pós-colonial sem que se preveja uma revisão contínua de seus traços? O choque entre o familiar e o não familiar, a noção de lar e estraneidade, as identidades ocultas, as não compreensões pelo iluminismo racional – todos trafegando pelo quantum de possibilidades semânticas do *unheimlich*, ainda produzirão espasmos e contrações até que se possa configurar um perfil com traços mínimos de um suposto sujeito após o igualmente familiar-não-familiar período pós-colonial. Todas essas não de ser questões que talvez apenas o distanciamento da fronteira do pós-colonialismo poderá eventualmente responder.

CONCLUSÃO

O sujeito na fronteira do pós-colonial da “modernidade tardia” tende a ser um sujeito em busca de identidades. Não se identifica com o mesmo “si” (*self*) que projetara durante a ebulição da utopia independentista. Por se encontrar em um espaço temporal e cultural de transição, portanto, estranho – em especial para o sujeito angolano, uma transição historicamente dramática – o indivíduo é percebido em constante crise. Subsistir na angustiante fronteira dos momentos ou das regiões culturais o impede de se definir com contornos claros e unitários. A noção de pertencimento e de lar (*heimlich*), bem como de identificação de elementos desse lar que supostamente comporiam confortavelmente seu novo momento e espaço fragmenta-se e se dilui em incertezas, tendo em vista o caráter ainda mutável do momento e das coisas. Em detrimento de uma utopia por anos forjada em meio à opressão do colonizador, o que se pôde verificar tão logo se deu o rompimento do regime colonial e o início do processo de descolonização foi um período no qual a crise identitária se instaurou.

A perda de um paradigma que serviu de mote à luta pela liberdade e pela igualdade resultou em uma sociedade composta por sujeitos de identidades díspares e estranhos para si e entre si, consoantes aos setores em que atuavam, às classes em que se encontravam, aos interesses de quem defendiam, às convicções políticas e ideológicas que advogavam ou às tradições e aos preceitos étnicos e/ou raciais que pregavam. Todas essas se configuraram em diferenças separatistas que, se por um lado sublinharam a ruptura da fronteira entre colonizador e colonizado,

por outro lado reafirmaram a fronteira de classes e interesses entre os seus cidadãos. O falecimento da utopia colonial, portanto, dentre seus embriões, produziu, no momento limítrofe de transição, não uma identidade única, mas identidades binárias.

No *corpus* escolhido, pretendeu-se que se percebesse a falência do projeto angolano de independência e reconstrução da unidade nacional, pelo menos no momento da transição dos regimes políticos. Tentou-se sugerir que a não familiaridade do lar – igualmente “mesmo” e “outro” – resultou na inquietante sensação e assombração de estranheza. Através dos contos de José Eduardo Agualusa aqui analisados, percebeu-se a crise na qual os sujeitos pós-coloniais se encontravam em seu tentame de se reconhecerem como indivíduos configurados em um estado novo de coisas, portanto de se configurarem na estranheza e na constante busca da compreensão de sua natureza sempre em mutação.

O que este trabalho propôs foi uma reflexão sobre os aspectos dificultadores na construção da identidade desse sujeito posicionado no momento historicamente fronteiro de transição, bem como o elemento estranho (*unheimlich*) passou a ser parte integrante do retrato dessa nova configuração em andamento, pelo menos no campo do discurso literário.

Abstract

This article intends to analyze the troublesome question of the construction of the identity of a postcolonial subject in the African continent through the literary means. It is indented use the Freudian concept of “uncanny” (*unheimlich*) as a suggestion of a guiding sloping to the analysis. Angola was elected as a scenery in which the conflicting transition of the subject from the colonial period to a postcolonial one on the representation of postcolonial subject in Angolan was registered by literature. Some short stories from José Eduardo Agualusa’s **Fronteiras Perdidas** to try to discuss the collapse of the colonial utopia as well as the difficulty in defining the identity of a people in the boarder of postcolonialism.

KEYWORDS: Postcolonialism; Subject; Uncanny; Identity; Angola.

Referências:

AGUALUSA, José Eduardo. **Fronteiras perdidas: contos para viajar**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

FREUD, Sigmund. "O estranho". In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**: História de uma neurose infantil e outros trabalhos. Trad. Jayme Salomão. V. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG/Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico**. Rio de Janeiro: Objetiva: 2007.CD-ROM

PEPETELA. **A geração da utopia**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.